

JUVENTUDE EM RISCO DE VIDA: uma breve descrição sobre os homicídios no Brasil recente

Lisa Biron*

Apresentação

A violência e a criminalidade têm assombrado a vida cotidiana de toda a população brasileira. Apesar de todos os esforços empreendidos nos últimos anos e de algum resultado modesto, o País ainda apresenta taxas exorbitantes de homicídios, especialmente quando comparado aos demais ao redor do globo. Fato mais preocupante é que a juventude se coloca como protagonista central neste fenômeno perverso. Este estudo traz uma breve análise descritiva dos homicídios no Brasil, através da apresentação das principais estatísticas disponíveis e, ainda, procura identificar algumas características sociais dos jovens expostos ao risco da violência, por meio de pesquisa recém-lançada do Ministério da Justiça e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A epidemia de homicídios no Brasil

Infelizmente, essa mazela social não é fato novo no Brasil. Há décadas, a sociedade encontra-se exposta ao medo e à insegurança, convivendo em meio de níveis alarmantes de crime contra a vida, sendo evidenciados ainda mais através da mídia e noticiários nos últimos tempos. Paralelamente, o poder público, nas três esferas de Governo, fora muito omissivo, voltando à cena para o combate ao problema apenas recentemente, por meio de ações e políticas aparentemente eficazes.

Nos últimos dez anos, mais de meio milhão de pessoas foram vítimas de homicídios no Brasil, segundo da-

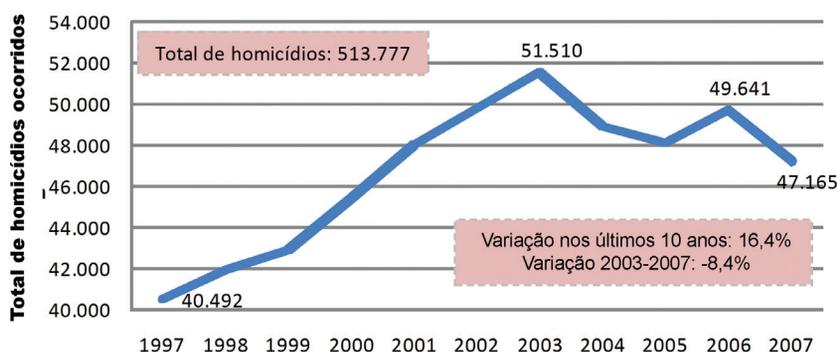
dos do *Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATSUS)*, divulgados pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2009b). Por meio do Gráfico 1, podemos observar o fenômeno da violência homicida entre 1997 e 2007; neste período, teve incrementos contínuos até 2003, quando há uma leve queda da tendência. Nesta década passada, o fenômeno alastrou-se 16%, sendo que, a partir de 2003, apresentou queda de 8,4%, com oscilações. Waiselfisz (2010) atribui essa queda, em grande parte, às políticas de desarmamento promovidas a partir de 2003.

Em 2007, foram registrados, junto às autoridades de saúde competentes, mais de 47 mil óbitos por homicídios (BRASIL, 2009b). Isso significa dizer que, em termos médios, o Brasil tem diariamente cerca de 130 vidas suprimidas por meio da violência. Estes números são assustadores e equivalentes a estatísticas oficiais de guerra e outros atentados. Apenas

Este estudo procura identificar algumas características sociais dos jovens expostos ao risco da violência, por meio de pesquisa recém-lançada do Ministério da Justiça e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

como exercício de comparação, isso representa o dobro das mortes diárias de civis na Guerra do Iraque no mesmo ano, que esteve em torno de 66 vítimas (POST-SURGE, 2010). Waiselfisz (2010) coloca o exemplo do "Massacre do Carandiru" que, segundo fontes oficiais, causou 111 mortes neste complexo de detenção: como se tivéssemos um grande massacre de jovens a cada dia no País.

Gráfico 1: Evolução do número de óbitos por homicídios no Brasil - 1997 a 2007



1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004 2005 2006 2007

Fonte: Elaboração da autora, a partir dos dados do SIM/DATSUS. Ministério da Saúde (2009b).

Gráfico 2: Distribuição do número de óbitos por homicídio no Brasil, segundo a faixa etária - 2007

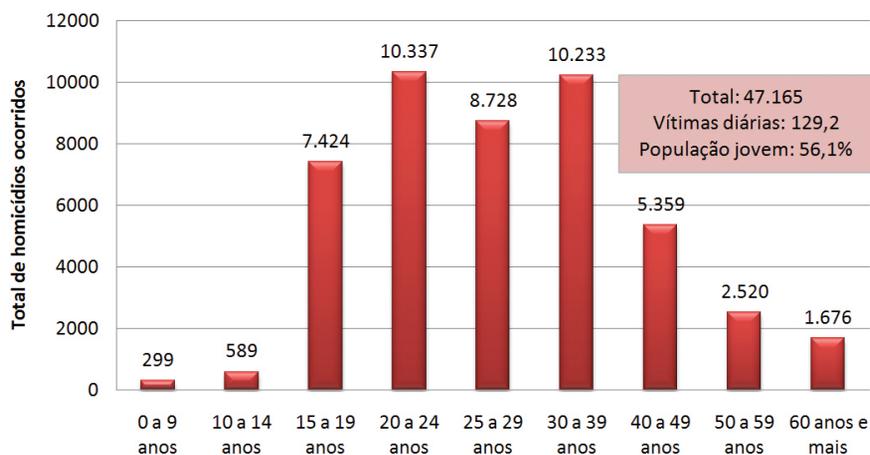


Gráfico 3: Evolução das taxas de homicídios no Brasil, entre jovens e população total - 1997 a 2007

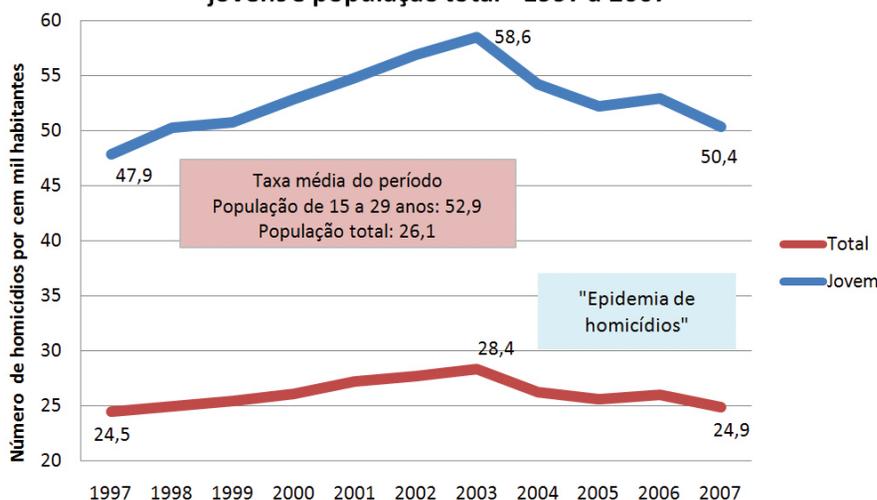
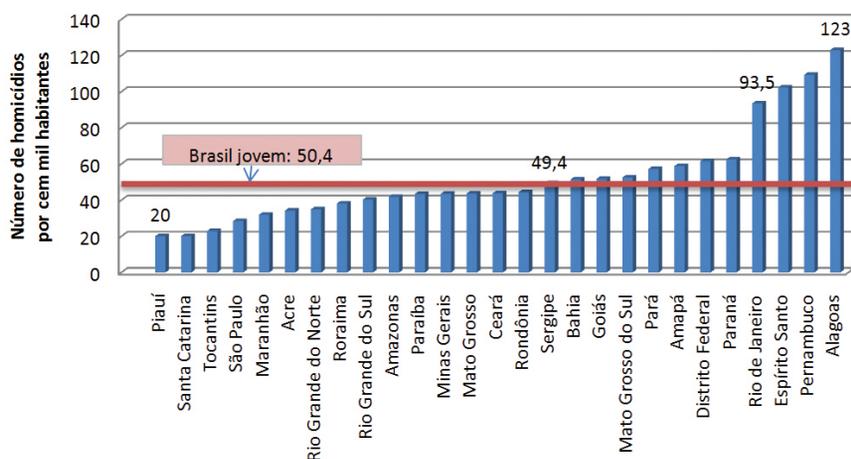


Gráfico 4: Taxa de homicídios entre jovens, com 15 a 29 anos de idade, por cem mil habitantes, por estado brasileiro - 2007



Fonte: Elaboração da autora, a partir dos dados do SIM/DATASUS. Ministério da Saúde (2009b).

Cabe ressaltar ainda que os homicídios representam aproximadamente 5% do total de mortes ocorridas no País em 2007 e configuram-se em 36% dos óbitos por causas externas (acidentes e violências).

Analisando os números dos homicídios por faixa etária, salta aos olhos o peso relativo da juventude entre as vítimas desse fenômeno¹. A população entre 15 e 29 anos de idade somou 26.489 mortes por homicídios no último ano analisado, o que significa 56% do total – prevalência extremamente alta considerando que esse grupo consistia de 26,5% da população brasileira em 2007 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2007)². O Gráfico 2 revela que é a partir dos 15 anos de idade que há um sobressalto no número de homicídios, tornando-se ainda maior na faixa etária de 20 a 24 anos. Aqui, o ponto é crítico, uma vez que as vítimas representam mais de 20% das 47 mil pessoas assassinadas. O número só se reduz entre as pessoas de 40 anos de idade.

Os homens disparam entre as vítimas, em todas as faixas etárias, representando cerca de 90%. Igualmente, são os homens jovens os principais autores desses homicídios, com baixíssima participação das mulheres nesta modalidade de crime (em torno de 5%), segundo os dados da Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp/MJ). Sendo assim, podemos dizer que a criminalidade homicida caracteriza-se substancialmente como um fenômeno jovem e masculino.

O Gráfico 3 indica que a evolução das taxas de homicídios, entre 1997 e 2007, se mostrou de forma significativamente mais acentuada e acelerada entre os jovens de 15 a 29 anos do que entre a população brasileira como um todo. Interessante observar que ambas as tendências são crescentes e decrescem ligeiramente a partir de 2003, quando atingem o ápice (58 entre jovens e 28 na população total). Em cada ano, as taxas juvenis

são, em geral, o dobro das taxas médias, evidenciando a superincidência de homicídios nessa faixa etária. Nesta década, a taxa de homicídios entre jovens foi de 52,9 homicídios por cem mil habitantes, contra 26,1 considerando todas as faixas etárias.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera como locais de epidemia aqueles nos quais as taxas de homicídios ou tentativas superam dez casos para cada grupo de cem mil habitantes. Nestes termos, há pelo menos três décadas o Brasil vive assolado por uma epidemia de homicídios, dado que em 1990 sua taxa de homicídios já estava na ordem de 21,2, o dobro da considerada razoável. O menor nível de todo o período (1990-2007) foi de 18,2, correspondente ao ano de 1992.

Existe uma grande heterogeneidade na distribuição espacial dos

homicídios, especialmente entre os estados brasileiros. As taxas, normalizadas em relação ao tamanho da população de cada estado, mostram-se ainda mais estarrecedoras, quando considerada apenas a população jovem. Em média, o Brasil apresentou 50 homicídios de jovens de 15 anos a 29 anos, para cada grupo de cem mil habitantes, em 2007. Neste ano, a oscilação é forte, variando de 20 (Piauí) até 123 (Alagoas), conforme observado no Gráfico 4. Mais preocupante é que mesmo a menor taxa apresentada já era o dobro do grau inicial de epidemia. Em outras palavras, estamos diante de um quadro epidêmico de homicídio juvenil – e isso vale para todos os estados brasileiros.

Segundo Waiselfisz (2010), 18 das 27 Unidades Federativas apresentaram incrementos nas suas taxas de homicídios entre 1997 e 2007, com

destaque para Alagoas, Maranhão e Minas Gerais, onde os índices aumentaram mais de 150%. Apenas nove unidades detiveram variação negativa, incluindo São Paulo, onde os índices caíram 58,6% na última década. Atualmente, Alagoas, Pernambuco, Espírito Santo e Rio de Janeiro lideram o *ranking* de homicídios entre seus jovens, que parecem entregues à própria sorte em locais dominados ora pela extrema pobreza e desigualdade de oportunidades, ora pela guerra velada do tráfico de drogas.

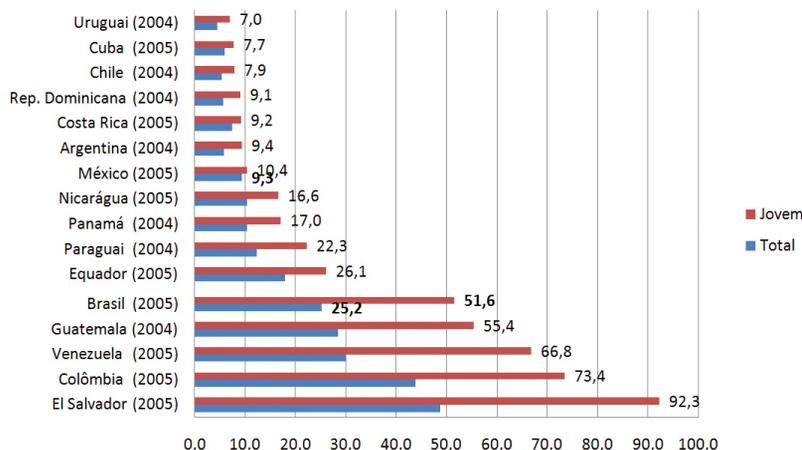
É preciso assinalar, entretanto, que a grande prevalência de homicídio juvenil não é fenômeno particular do Brasil. E sim, um grande drama social que atinge toda a América Latina. Em uma seleção com 91 países do mundo, sete dos dez países com maior número de vítimas de homicídios, crianças e adolescentes entre 0 a 19 anos, são latino-americanos. O Brasil detém a lamentável quinta colocação (WAISELFISZ, 2010).

Como revela o Gráfico 5, os países da América Latina com as taxas de homicídios juvenis superiores ao Brasil são El Salvador, Colômbia, Venezuela e Guatemala, que, não surpreendentemente, também lideram as ocorrências desses crimes, quando consideramos todas as faixas etárias.

De acordo com o levantamento feito por Waiselfisz (2008), publicado no *Mapa da Violência* do mesmo ano, as taxas de homicídio entre a população total e população jovem apresentam grandes diferenças em países com índices mais altos na América Latina. Quando a taxa de homicídio total diminui, decrescem ainda mais essas ocorrências entre os jovens. Atenemos ainda para o fato de que Brasil e Colômbia não somente são países que apresentam umas das maiores taxas de mortes violentas de crianças e adolescentes, mas, ao mesmo tempo, são países com forte presença de tráfico de drogas, sugerindo uma possível relação entre essas duas modalidades de crime.



Gráfico 5: Taxas de homicídios na população total e entre jovens, nos países da América Latina. Último ano disponível



Fonte: Elaboração da autora, a partir dos dados do SIM/DATASUS. Ministério da Saúde (2009b).

Quadro 1: Perfil sociodemográfico dos grupos com exposição ao risco de violência e baixo risco - 2009

Grupo com baixo risco de violência	Grupo com algum risco ou história de violência
*Predominância sexo feminino (54,1%)	*Representa quase 1/3 da população entre 12 e 29 anos
* Crianças e adolescentes até 18 anos (45,8%)	*Predominância masculina (56,1%)
* Solteiros (78,9%)	*Jovens acima de 19 anos (73,2%)
* Estudantes (42,1%)	*Pessoas casadas ou "unidas" (29,3%)
* Possuem religião - católicos (48,9%)	*Trabalhadores informais (27,8%)/Desempregados (11,8%)
* Brancos (36,8%)	*Pessoas sem religião (18,6%)
	* Pretos ou pardos (64,1%)
	*Presenciam violência policial corriqueiramente (57,6%)
	*Costumam ver pessoas armadas nas ruas (64,1%)
	*Declararam ter pessoas próximas vítimas de homicídios (8%)
	*Quase totalidade viu corpos de pessoas assassinadas (88%)

Fonte: Elaboração da autora, a partir de Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto de Pesquisas – Datafolha, 2009.

Quem são os jovens expostos à violência?

Ao nos depararmos com números tão alarmantes como os apresentados anteriormente, uma das questões que se coloca é identificar o perfil desses jovens expostos à violência. Quais são os possíveis fatores que levam um jovem ser mais vulnerável que o outro em uma mesma região? Por certo, aspectos sociais, culturais e econômicos diferenciam um indivíduo do outro, influenciando seus hábitos, comportamentos e, conseqüentemente, o nível de sua propensão ao risco. Saber reconhecer, ao menos, as características socioeconômicas de um grupo de indivíduos em risco, por exemplo, já consiste um passo relevante para se tentar entender, ainda que preliminarmente, a prevalência de sobremortalidade juvenil e masculina³.

O Ministério da Justiça, em parceria com Fórum Brasileiro de Segurança Pública – na tentativa de aprofundar o conhecimento sobre o envolvimento da juventude com a violência e, por meio disso, melhor desenhar suas estratégias de políticas –, desenvolveu uma pesquisa inédita com mais de cinco mil jovens em 31 municípios (13 capitais), todos com intervenção do PRONASCI, para avaliar a exposição, em termos de riscos, histórico e



Um em cada três jovens entre 12 e 29 anos de idade está exposto à violência, seja na forma de testemunha ou de vítima de evento de risco.

percepções desses jovens vulneráveis, entre 12 e 29 anos de idade (BRASIL, 2009a)⁴.

A partir dos resultados das narrativas e entrevistas com os 5.185 jovens, foram estabelecidos dois grupos distintos: (i) com baixo risco de violência, (ii) com algum risco ou história de violência, cujas principais características sociodemográficas são sumarizadas no Quadro 1.

Um em cada três jovens entre 12 e 29 anos de idade está exposto à violência, seja na forma de testemunha ou de vítima de evento de risco. De acordo com o Quadro 1, fica claro como aspectos socioeconômicos e culturais influenciam a exposição ao risco de violência. De fato, a população

mais nova (até os 18 anos) apresenta menos vulnerabilidade. Raça e religião também são fatores que distinguem ambos os grupos: no primeiro, prevalecem católicos e brancos; enquanto entre os expostos, há alto percentual de pessoas sem religião e pessoas não brancas. Como esperado, o grupo exposto ao risco de violência encontra-se à margem do mercado de trabalho, ou seja, vulneráveis economicamente.

Evidentemente, o grupo “exposto”, como já prediz sua denominação, revela fortes testemunhos de violência, tais como abuso de poder policial e pessoas armadas em trânsito. Um dos pontos mais reveladores, segundo os dados levantados, é que quase nove em dez desses jovens (expostos) declararam, em 2009, ter visto algum corpo de pessoa assassinada na rua, sendo que cerca de 30% destes apontaram ter visto mais de sete corpos assassinados.

Os homicídios literalmente fazem parte do cotidiano da juventude brasileira: um em quatro jovens (de 12 a 29 anos) já presenciou pelo menos uma pessoa sendo morta por arma de fogo no último ano, sendo que entre o grupo de risco esse percentual alcança 44,5% (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2009a).

Considerações finais

De posse das observações tecidas ao longo deste breve estudo, fica a pergunta: Por que os homicídios têm cada vez mais vítimas (e autores) homens jovens? Através dos dados apresentados, percebemos que essa violência, de caráter epidêmico, pouco afetou as mulheres, crianças e idosos – que são geralmente os grupos populacionais mais vulneráveis socialmente. Dizer que os homens jovens são mais propensos ao risco, mais inclinados à “rebeldia”, de uma maneira geral, também não parece mais suficiente.

Ao longo dos anos, uma vasta gama de estudos, em diferentes áreas, foi desenvolvida com vistas à explicação destes determinantes e possíveis soluções para o problema da criminalidade, especialmente relacionada a homicídios. Mas é preciso foco: a juventude. Ter como controle a faixa etária mais afetada é fundamental para qualquer proposição de política pública.

Certamente, esforços por parte do Governo Federal, por intermédio do PRONASCI, têm sido inovadores neste sentido. Associar a segurança pública com ações em áreas estratégicas para juventude, como a educação e o esporte, já é um bom ponto de partida. No entanto, ainda há avanços a serem perseguidos, em grande parte relacionados à universalização do ensino médio, maior inserção no mercado de trabalho e, sobremaneira, equalizar o acesso às oportunidades pela juventude. Feito isso, é possível que seja perceptível uma atenuação da vulnerabilidade à violência dessa população (seja como vítima ou autora de delinquência), tendo em vista a promoção de melhores condições de vida e uma sociabilidade mais adequada. É primordial traçar uma transição da juventude para a vida adulta de forma mais digna e menos traumática possível. ●



Jovens do sexo masculino e negros são o grupo com alto risco de violência.

* **LISA BIRON** é mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCE/UERJ).

NOTAS

1 Aqui, consideramos juventude como o grupo populacional na faixa etária de 15 a 29 anos de idade, incluindo a noção de adulto jovem, segundo a Secretaria Nacional de Juventude.

2 Segundo a Pesquisa por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE), em 2007, havia mais de 49,8 milhões de jovens na faixa de 15 a 29 anos de idade. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2007).

3 Ressalvamos, entretanto, que a explicação dos condicionantes da vitimização e da exposição ao risco vai muito além das características socioeconômicas de um indivíduo, mas passa, também, por exemplo, por questões psicológicas, ambiente familiar, abuso de drogas, maior propensão ao risco da juventude e uma série de outros fatores que também o influenciam. No entanto, analisá-los não é objetivo deste estudo.

4 Para mais detalhes, ver: Projeto Juventude e Prevenção da Violência: Primeiros resultados (BRASIL, 2009a).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Justiça. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Projeto Juventude e Prevenção da Violência: Primeiros resultados.** Brasília, 2009a.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp). Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/SENASP/>>. Acesso em: 20 ago. 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. DATASUS. Indicadores e Dados Básicos. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/ibd2009/matriz.htm>>. Acesso em: 14 nov. 2009b.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 14 out. 2009.

POST-SURGE violence: its extent and nature. **Iraq Body Count.** Disponível em: <<http://www.iraqbodycount.org/analysis/numbers/surge-2008/>>. Acesso em: 01 nov. 2010.

WASELFISZ, J. **Mapa da Violência: anatomia dos homicídios no Brasil.** Ministério da Justiça, 2010.

WASELFISZ, J. **Mapa da Violência: os jovens da América Latina.** Ministério da Justiça, 2008.